

## **A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTE EM TOCANTINS: VELHOS DESAFIOS E PROBLEMAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

The training of art teacher in Tocantins: old challenges and problems in Brazilian education

La formación del profesor de arte en Tocantins: viejos desafíos y problemas en la educación brasileña

Gustavo Cunha de Araújo\*

Sabrina Borges de Oliveira\*\*

Ludimila Silva Almeida\*\*\*

Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Bra.

### **RESUMO**

Este artigo socializa os resultados de uma investigação realizada em escolas públicas do Estado do Tocantins, que teve como principal fito investigar o perfil dos professores que atuam na disciplina de Arte em 9 (nove) escolas de 4 (quatro) cidades da região norte desse Estado. De abordagem qualitativa, de natureza documental e do tipo exploratória, os dados foram gerados por meio de questionários semiestruturados aplicados a 15 (quinze) professores dessas escolas tocaninenses. Dentre alguns resultados encontrados, identificamos que todos os professores que lecionam Arte nessas escolas não são formados em artes. Os dados revelaram ainda que há uma carência de cursos de formação inicial e continuada voltada para as artes nesse Estado. Pesquisar esse tema é relevante, pois poderá ampliar o debate sobre políticas públicas voltadas para a formação docente nessa área, além de contribuir para o debate acerca desse tema em âmbito nacional.

**Palavras-chave:** Arte. Educação Básica. Formação docente. Currículo. Tocantins.

### **ABSTRACT**

This article socializes the results of an investigation carried out in public schools in the State of Tocantins, Brazil, whose main objective was to investigate the profile of teachers who work in the Art discipline in 9 (nine) schools in 4 (four) cities in the northern region of that State. From a qualitative, documentary and exploratory approach, the data were generated through semi-structured questionnaires applied to 15 (fifteen) teachers from these schools in Tocantins. Among some results we have found that all teachers who teach Art in these schools are not trained in arts. The data also revealed that there is a shortage of initial and continuing training courses for the arts in that state. Research on this topic is relevant, as it may broaden the debate on public policies geared towards teacher education in this area, as well as contribute to the debate on this topic at the national level.

**Keywords:** Art. Basic Education. Teacher training. Curriculum. Tocantins.

### **RESUMEN**

Este artículo socializa los resultados de una investigación realizada en escuelas públicas del Estado de Tocantins, que tuvo como principal objetivo investigar el perfil de los profesores que actúan en la disciplina de Arte en 9 (nueve) escuelas de 4 (cuatro) ciudades de la región norte de ese Estado. De un enfoque cualitativo, de naturaleza documental y de tipo exploratorio, los datos se generaron por medio de cuestionarios semiestruturados aplicados a 15 (quince) profesores de esas escuelas *tocantinenses*. De entre algunos resultados encontrados, identificamos que todos los profesores que enseñan Arte en esas escuelas no están formados en artes. Los datos revelaron además que hay una carencia de cursos de formación inicial y continuada orientada a las artes en ese Estado. Este tema es relevante, pues podrá ampliar el debate sobre políticas públicas dirigidas a la formación docente en esa área, además de contribuir al debate sobre ese tema a nivel nacional.

**Palabras-clave:** Arte. Educación Básica. Formación Docente. Plan de Estudios. Tocantins.

## Introdução

O objetivo deste artigo é socializar os resultados de uma investigação realizada em escolas públicas do Estado do Tocantins, que teve como principal fito investigar o perfil dos professores que atuam na disciplina de Arte em 9 (nove) escolas da rede estadual de ensino de 4 (quatro) cidades localizadas na região norte desse Estado. Num Estado tão carente de cursos de formação inicial e continuada em artes, pesquisar esse tema é relevante, pois poderá ampliar o debate sobre políticas públicas voltadas para a formação docente em artes na região analisada, além de contribuir para o debate acerca desse tema em âmbito nacional. Esta pesquisa se fundamentou na abordagem qualitativa (TEIXEIRA, 2014), de natureza documental (MARCONI; LAKATOS, 1991) e do tipo exploratória (PRODANOV; FREITAS, 2013), na qual buscou analisar documentos oficiais voltados ao ensino de artes (diretrizes, leis, parâmetros entre outros), além dos depoimentos gerados a partir dos questionários aplicados aos professores de Arte das escolas pesquisadas, fundamental para o desenvolvimento das análises e reflexões construídas neste artigo.

Para encaminhar a metodologia, o instrumento utilizado na geração dos dados no campo de pesquisa foram 15 (quinze) questionários semiestruturados aplicados aos professores (um questionário para cada docente) de 9 (nove) escolas de 4 (quatro) cidades do norte do Tocantins. Com isso, o questionário possibilitou identificar a concepção dos professores que ministram a aula de Arte nas escolas pesquisadas sobre essa disciplina, bem como esclarecer de forma mais sólida a formação acadêmica deles e se essa disciplina é importante no currículo escolar, entre outras questões. O local de investigação foi a região norte do Estado do Tocantins, conhecida como Bico do Papagaio, especificamente nas cidades: Augustinópolis, Araguatins, Esperantina e Tocantinópolis. Analisamos também o Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas pesquisadas neste estudo, localizadas nesses lugares, totalizando 9 (nove) unidades de ensino, das mais de 20 (vinte)<sup>1</sup> levantadas ao longo desta investigação. Posteriormente, analisamos o perfil dos professores de Arte dessas escolas.

Tendo em mente esses pressupostos, algumas questões norteadoras foram levantadas para o desenvolvimento desta pesquisa: que relação há entre os documentos oficiais referentes ao ensino de artes na Educação Básica brasileira, com a realidade das escolas públicas do Tocantins? Como é a formação dos professores que atuam nessa disciplina nas escolas pesquisadas? A partir dessa problemática, buscamos compreender, portanto, qual é o perfil dos professores da disciplina de Arte na rede estadual na região norte do Estado do Tocantins. Para iniciarmos a discussão aqui proposta, este artigo está dividido da seguinte forma: num primeiro momento, apresentamos alguns pressupostos teóricos acerca da arte na educação brasileira, com o objetivo de fundamentar as reflexões produzidas neste artigo, à luz da literatura científica referente à área e a partir de documentos legais sobre o ensino de arte. Na sequência, são desenvolvidas as análises das informações obtidas na pesquisa de campo e, posteriormente, algumas conclusões da pesquisa realizada.

## Alguns pontos para pensar a formação do professor de Arte

De acordo com Coutinho (2008), os cursos de formação de professores de artes são relevantes para propiciar aos docentes um mergulho em diferentes linguagens artísticas, importante para que consigam realizar uma reflexão crítica e contextual sobre a aprendizagem em arte e para que possam desenvolver melhor as suas práticas pedagógicas. Conforme Arslan e Iavelberg (2013), muitas cidades não possuem galerias ou museus de artes que poderiam auxiliar nesse processo de imersão cultural e artística do professor e do aluno, uma vez que, frequentar esses espaços ajudam, significativamente, na ampliação do conhecimento cultural e estético das pessoas. Nesse sentido, é

---

<sup>1</sup>No entanto, para delimitar a pesquisa e, considerando a extensão desse artigo, as escolas que abordamos nesta investigação foram apenas 9 (nove) e 15 (quinze) professores, o que, de forma alguma, não limita as análises e reflexões construídas neste artigo.

preciso o professor mediar nos seus alunos o conhecimento em arte, que deve estar presente em todos os níveis educacionais, seja no Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos ou Ensino Superior (COUTINHO, 2008).

Como bem marcou a autora, para que haja uma formação de ensino superior de qualidade nos cursos que trabalham com a formação de professores de artes, é necessário proporcionar aos alunos, assim como para os docentes, “uma imersão na linguagem artística”. (COUTINHO, 2008, p. 156), uma vez que encarar esse desafio não é fácil, pois é preciso estimular uma reflexão mais crítica sobre os pensamentos e ideias que envolvem todo o processo de formação escolar. Sendo assim, é interessante o aluno desenvolver habilidades de investigação para produzir conhecimento. Todavia, os professores em sala de aula não conseguem trabalhar todas as quatro áreas de conhecimento dessa disciplina, devido, dentre outros motivos, a carga horária reduzida dela. Outro fator problemático é que os docentes, em sua maioria, não tem formação acadêmica referente a essas linguagens para atuarem na Educação Básica brasileira (IAVELBERG, 2014) e, isso, se soma as informações pesquisadas durante a coleta de dados realizada na Diretoria Regional de Ensino (DRE) da região pesquisada (norte do Tocantins), e nos questionários aplicados aos professores que lecionam artes nas escolas pesquisadas.

Nessa reflexão, importa chamar atenção que os cursos relacionados às áreas artísticas são poucos no Brasil e, conseqüentemente, não conseguem atender toda a demanda nacional de professores de artes (IAVELBERG, 2014). Além disso, a complementação da carga horária é uma realidade presente dentro da maioria das escolas, pois os que lecionam nas disciplinas como Língua Portuguesa, por exemplo, sempre buscam na disciplina de Arte um meio para complementar as horas que faltam para efetivar a sua carga horária de 40 (quarenta) horas semanais. Ou seja, não basta somente uma formação continuada para qualificar o professor de artes, mas é preciso um acompanhamento por parte das unidades escolares que apoiam e invistam nesses professores para que as aulas tenham mais qualidade e sejam mais próximas da realidade dos alunos. Com efeito, é importante os professores motivarem os estudantes a gostarem de arte e a quererem produzi-la (IAVELBERG, 2014).

### **Análise dos documentos legais referentes ao ensino de arte**

De acordo com as informações obtidas na DRE-TO, não há profissionais com formação específica para área de artes na região norte do Estado, informação essa reforçada pelo documento disponibilizado pelo sistema da Secretaria da Educação, Juventude e Esportes de Tocantins, portaria n. 4397:

§2º Os docentes que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental nas modalidades regulares, terão carga horária de 25 (vinte e cinco) aulas semanais, por turma, para atender as atividades de regência, podendo complementá-la com três aulas semanais, nas séries finais do Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio, ou, com as disciplinas da parte diversificada. §3º A complementação da carga horária destes professores poderá ocorrer nas disciplinas de Filosofia, Arte, Sociologia e Ensino Religioso, preferencialmente em sua unidade de lotação ou em outra unidade em que não haja profissional efetivo habilitado.

Fica, assim, evidente que para ministrar a disciplina de Arte, os profissionais que trabalham com ela são, em sua maioria, professores com formação em outras licenciaturas. Desse modo, os professores que trabalham com essa disciplina são aqueles que, além de lecionar outras disciplinas, complementam a carga horária que precisam ministrando Arte. Assim, o docente faz uso das disciplinas citadas nesse documento para fechar em 40 (quarenta) horas semanais, como, por exemplo, a Arte. Além disso, segundo a DRE-TO, não existe servidores efetivos ou de contrato que tenha vínculo com o Estado com formação em artes que esteja atuando nas escolas da região do Bico do Papagaio. Falar sobre a formação em artes implica em discutir a respeito da sua

obrigatoriedade na Educação Básica. Sobre isso, a Lei n. 9.394/96 assim descreve sobre a obrigatoriedade da disciplina de Arte:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser completada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. §2º O ensino de arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (BRASIL, 2013, p. 19).

Com essa afirmação, a partir desse momento, a arte passou a ser considerada obrigatória na Educação Básica, colocando fim nas discussões sobre ser obrigatória ou não na escola. Contudo, parece não ter ficado claro se essa disciplina deveria ocorrer em todas as séries/anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio, abrindo “brechas” para que as escolas brasileiras não a utilizassem em todas as séries/anos (BARBOSA, 2017a, 2017b, 2017c, 2005). No entanto, embora não apresente caráter de obrigatoriedade e mereçam serem atualizados, como salientado no estudo de Iavelberg (2014), os Parâmetros Curriculares nacionais (PCN) (BRASIL, 1997), até os dias de hoje, servem para orientar a elaboração de planos e projetos pedagógicos nas escolas das redes pública e privada em todos os níveis de ensino no Estado do Tocantins. Esses documentos orientam os professores que trabalham com essa disciplina, com o objetivo de auxiliá-los a entender a arte e qual a melhor maneira de desenvolver os conteúdos dessa área na escola.

Como bem evidenciamos, a Arte na escola tem um caráter bem mais amplo e abre um horizonte de novas possibilidades de aprendizagem para os alunos, pois eles podem criar, usar a imaginação para produzirem, bem como interpretar, analisar e utilizar de outras linguagens para se comunicar com o mundo a sua volta. Importa chamar a atenção, entretanto, para a Lei n. 13.278 de 2016, que altera o §6º do art. 26 da Lei n. 9.394/96 (BRASIL, 2016). Essa Lei foi um marco relevante para a arte na educação brasileira, uma vez que, ao lado da música, colocou artes visuais, teatro e dança como obrigatórias na Educação Básica. Entretanto, pensar na formação requer não somente políticas públicas, mas também investimentos que venham contribuir efetivamente para o bom desenvolvimento do ensino e na formação de docentes dessa área.

Diante desse contexto, com a Reforma do Ensino Médio n. 13.415/2017 (BRASIL, 2017a) que retirou essa obrigatoriedade da Arte na escola, colocou “panos frios” nessa área e, conseqüentemente, na continuidade e criação de cursos de formação inicial e continuada em artes no país, o que permite afirmar que foi um retrocesso para a educação brasileira. Nas palavras de Alvarenga e Silva (2018), a formação específica e atuação polivalente em arte nos dias atuais é um dos problemas que poderá ser resolvido por essa Lei, pois ela estabelece que deve haver a necessária e adequada formação de professores para atuar em cada uma dessas linguagens nas escolas brasileiras. Nesse raciocínio, salientam:

Sabe-se que ainda não há professores de Arte suficientes; em cinco anos, nem todas as escolas terão o ensino integral implantado; nem, ao menos, conseguiu-se incorporar nos currículos as quatro linguagens artísticas; e ainda será preciso encontrar um meio alternativo para os professores que possuem formação polivalente. (ALVARENGA; SILVA, 2018, p. 1022).

Nesse cenário, a Arte é incorporada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017b), e isso nos faz refletir que ela ainda não tem seu o papel de coadjuvante na produção de conhecimento no currículo escolar, pois está relacionada a outras áreas dos conhecimentos, sem considerar as suas especificidades. Com essa visão, a própria BNCC, alvo de críticas por parte de muitos professores, por não ter sido construída de forma democrática e coletiva (IAVELBERG, 2018), não considera a área de artes importante, tampouco compreende as especificidades dessa área na formação plena do estudante. Além disso, a forma como esse documento concebe a arte,

pode ser “a porta de entrada para a polivalência, tal preocupação com a interpretação do documento da BNCC já estava presente na equipe de elaboradores dos PCN”. (IAVELBERG, 2018, p. 80).

### **O discurso dos docentes que atuam na disciplina de Arte nas escolas pesquisadas**

Para descrever o perfil dos professores de Arte na região do norte do Tocantins, aplicamos 15 (quinze) questionários com perguntas abertas, para conhecermos o perfil de 15 (quinze) professores que atuam nessa disciplina. As informações obtidas podem ser visualizadas abaixo:

**Quadro 1** - Perfil dos professores que atuam na disciplina de Arte.

Professores(as)	Escola	Formação	Tempo de atuação na disciplina	Idade	Cidade
Educador 01 <sup>2</sup>	Escola 1	Letras	8 meses	37	Araguatins-TO
Educador 02	Escola 2	Matemática	1 ano	51	Augustinópolis-TO
Educador 03	Escola 3	Pedagogia e Biologia	5 anos	39	Araguatins-TO
Educador 04	Escola 3	Pedagogia	2 anos	43	Araguatins-TO
Educador 05	Escola 4	Pedagogia	2 anos	37	Araguatins-TO
Educador 06	Escola 5	Educação Física	4 anos	31	Araguatins-TO
Educador 07	Escola 2	Filosofia	12 anos	49	Augustinópolis-TO
Educador 08	Escola 4	Pedagogia	5 anos	38	Araguatins-TO
Educador 09	Escola 5	Pedagogia e Letras	8 meses	28	Araguatins-TO
Educador 10	Escola 6	Pedagogia e Letras	20 anos	45	Augustinópolis-TO
Educador 11	Escola 7	Pedagogia	2 anos	38	Esperantina-TO
Educador 12	Escola 7	Letras	5 anos	37	Esperantina-TO
Educador 13	Escola 1	Letras	1 ano	32	Araguatins-TO
Educador 14	Escola 8	Matemática	6 anos	54	Tocantinópolis-TO
Educador 15	Escola 9	Pedagogia	2 anos	30	Tocantinópolis-TO

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2018).

Como revelado na tabela acima, a maioria dos professores é formada em pedagogia. É possível analisar que nenhum dos docentes é graduado em artes e, tampouco, tem alguma pós-graduação nessa área (*lato sensu* ou *stricto sensu*).

### **Análises dos questionários aplicados aos professores**

Em nosso entendimento, um dos objetivos da arte é fazer com que os alunos desenvolvam o seu conhecimento em arte, tanto pela produção, quanto pela leitura e pensar sobre a arte, ao considerar o professor importante mediador no processo de ensino e aprendizagem dos alunos na escola (ARSLAN; IAVELBERG, 2013, FERRAZ; FUSARI, 1999). Sendo assim, ao perguntarmos aos professores quais os critérios que eles utilizam para selecionar os conteúdos do ensino de arte nas escolas que trabalham, responderam:

*Pesquisa em livros e internet. (Educador 03).*

*Não sou eu que seleciono os conteúdos a serem transmitidos aos alunos, nós apenas pesquisamos em outras fontes, porque o livro não nos oferece todos os conteúdos,*

<sup>2</sup>Para atender os princípios éticos referentes à pesquisa com seres humanos e boas práticas de publicação na ciência, os nomes dos professores participantes desta pesquisa, bem como das escolas pesquisadas, foram substituídos por “Educador” e “Escola”, respectivamente.

*tais conteúdos estão dispostos no referencial curricular e seguimos o que nos é imposto. (Educador 09).*

*Através do currículo (Educador 10).*

*Coerência com o PPP, conteúdos ajustados ao nível do aluno, estratégia didática adequada, valorização da autonomia do aluno, livro do professor, alinhamento do autor ao projeto pedagógico. (Educador 08).*

*Não utilizo nenhum critério, porque a seleção já vem da SEDUC. (Educador 07).*

*Eu não seleciono, eles já vêm selecionados. (Educador 02).*

*Livros didáticos, internet, pesquisa e prática. (Educador 13).*

*Internet, livros e música. (Educador 04).*

*Os conteúdos a serem ministrados a cada bimestre são enviados pela SEDUC. (Educador 05).*

Em seus depoimentos, observamos que a maioria dos docentes segue o currículo escolar que a Secretaria Estadual de Educação (SEDUC-TO) impõe sobre as unidades escolares. Além disso, os professores buscam aperfeiçoar os seus conhecimentos em algumas fontes de pesquisa como livros e internet, basicamente. Já outros educadores observam a realidade do educando e tentam levar para a sala de aula conteúdos que se relacionam com a vida do estudante, muito baseado em propostas apresentadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN. Ou seja, os professores tentam conciliar a realidade do educando com o conteúdo trabalhado em sala de aula.

Nos relatos dos professores (Educadores 03, 04, 09 e 13), podemos identificar que eles sentem dificuldades no momento de selecionar os critérios para o ensino de arte, pois eles, além de terem os conteúdos “prontos” pela SEDUC, não se sentem muito seguros para selecioná-los da maneira que são propostos por essa Secretaria, uma vez que a maioria desses educadores buscam novas formas de ensinar diferentes temas, a partir da pesquisa de diferentes fontes. Na sequência, ao serem indagados qual o motivo para lecionar na disciplina de Arte, assim relataram:

*Complemento de carga horária. (Educador 01).*

*Complemento de carga horária e por dominar a disciplina. (Educador 07).*

*Fechar a carga horária. (Educador 02).*

*Faz parte da minha carga horária. (Educador 13).*

*Complemento de carga horária. (Educador 06).*

*Para preencher a carga horária e por afinidade. (Educador 11).*

*Sou pedagoga, portanto, minha formação da abertura para lecionar essa disciplina. (Educador 05).*

*Na verdade o pedagogo pode ministrar todas as matérias do currículo escolar. (Educador 03).*

*O motivo foi devido não ter um profissional que possa atuar nessa disciplina e, eu sendo uma professora de Letras que trabalha com linguagem, me resolveram encaixar nesse espaço. (Educador 12).*

Os seus relatos permitem afirmar que a grande parte dos professores apenas leciona a disciplina de Arte por conta da complementação da carga horária. No entanto, de acordo com as informações obtidas na DRE-TO, a disciplina de Arte possui apenas uma carga horária semanal, totalizando em quarenta (40) aulas anuais, o que é muito pouco para uma disciplina que, além de ter as suas especificidades e metodologias, possui amplo conteúdo para ser trabalhado e desenvolvido com os estudantes ao longo do ano letivo escolar.

É certo que, além de ter essa redução, se deparam com poucos recursos didáticos para trabalhar essa disciplina, como, por exemplo, pincéis, tintas, diferentes suportes para produção visual entre outros. Com isso, vemos a precariedade do ensino e a desvalorização do professor dessa área cada vez mais visível na educação brasileira. Contudo, os relatos dos Educadores 03 e 05 nos causaram surpresas: afirmam que, por serem pedagogas, podem ministrar qualquer disciplina na escola, principalmente, Arte, o que evidencia um entendimento equivocado da importância, especificidades e conhecimento das artes no processo de ensino e aprendizagem do estudante, além do seu papel no currículo escolar.

[...] “alguns” profissionais da educação acreditam que o professor de artes não precisa de uma sala ambiente, tratam esta disciplina de forma preconceituosa, insinuando que não tem a importância da matemática e/ou português, pois geralmente não reprova, servindo apenas como lazer, complemento de atividades ou confecção de painéis. (FERREIRA; LANA, 2009, p. 44).

Parece-nos fundamental considerar que, com essa análise, não temos dúvida de que essa baixa carga horária na disciplina de Arte está relacionada com a desvalorização do seu ensino na história da educação brasileira, uma vez que essa área, por muito tempo, vem lutando para que possa ser mais bem valorizada e respeitada no currículo das escolas de Educação Básica no país. No ciclo em discussão, Jesus *et al.* (2008, p. 3) ressaltam que as condutas polivalentes são efetivadas pelos docentes no ensino de artes, que precisam lidar, ainda, com “[...] carga horária insuficiente. Esses problemas acabam reduzindo o ensino de artes, e das demais linguagens, a atividades superficiais, alheias a um propósito educacional realmente significativo”.

É importante pensar e repensar na formação do docente na área da arte, ao analisar as relações de formação, teoria e a prática que constituem esse ensino. Além disso, de acordo com os PCN de Arte, “no ensino de Arte no Brasil observa-se um enorme descompasso entre as práticas e a produção teórica na área, incluindo a apropriação desse conhecimento por uma parcela significativa dos professores.” (BRASIL, 1997, p. 29). Nesse sentido, compreendemos que a formação continuada é uma possibilidade que o professor tem para melhorar a sua prática docente e ampliar os seus conhecimentos acerca da área, pois com essa formação ele pode trabalhar com mais especificidade um assunto que ele aborda dentro da sala de aula. Sob essa reflexão, a formação continuada é necessária para atender as ações que a legislação propõe ao docente, uma vez que o ensino da arte na educação deve considerar um ambiente de produções artísticas das mais variadas, que possam contribuir para enriquecer essa formação. Para prosseguir com a pesquisa, perguntamos aos professores quais as metodologias que eles utilizam nas aulas de Arte. Essas foram as suas respostas:

*Aplicação de conteúdos, apresentação de vídeos, obras e artes prontas, desenhos artísticos, cultura popular. (Educador 02).*

*Os conteúdos são desenvolvidos por meio de leituras, diálogos, debates, criações de artes, confecções de maquetes, cartazes, músicas, pesquisas, dramatizações, filmes, exercícios orais e escritos, trabalhos em grupos e individuais, produções textuais, interpretações textuais e avaliações orais e escritas. (Educador 08).*

*Aula com muita ludicidade e a utilização da multimídia, tinta, lápis de cor etc. (Educador 05).*

*Trabalho com uso de imagens (slide) com recursos tecnológicos e letras de músicas, etc. (Educador 01).*

*As metodologias utilizadas são aulas expositivas, dialogadas, seminários, dinâmicas da qual deixo este ambiente bem construtivo para que ambos possam aprender juntos. (Educador 12).*

*Aulas expositivas e explicativas. (Educador 10).*

*Aulas explicativas, expositivas, debates, seminários, pesquisa, etc. (Educador 07).*

*Apreciação de obras (esculturas e pinturas, etc.), aulas práticas (pinturas, escultura, etc.) e aulas expositivas. (Educador 14).*

*Procuro trabalhar com imagens, recortes, colagens, vídeos, textos e produções. (Educador 15).*

Como se pode observar em seus relatos, para uma metodologia significativa, o educador precisa estabelecer alternativas para que o aluno possa aprender e chegar a um processo expressivo e criativo. Utilizar procedimentos como: pesquisas, contatos com artistas, visitas a exposições, concertos de música, apresentações de teatro e dança, são apenas alguns meios que os professores poderiam utilizar nas aulas de Arte (LIS, 2008). Nos parece ter ficado claro também que alguns educadores tentam fazer com que os alunos se expressem na arte de diferentes formas, as vezes sem uma sequência didática (aleatória), embora outros docentes só repassam conteúdos e parecem não oferecer uma orientação mais adequada aos estudantes nas aulas no desenvolvimento dos trabalhos.

Isso nos ajudar a compreender que alguns docentes usam uma forma tradicional de trabalhar os conteúdos, ao se basearem, basicamente, em aulas expositivas e explicativas. Entendemos que todos os educadores deveriam utilizar a Proposta Triangular da Ana Mae Barbosa, na qual o ensino da arte deve considerar o fazer artístico, a história da arte e a leitura de obras. Esses eixos podem fazer com que esses estudantes dominem a produção, apreciação artística e a reflexão na produção de conhecimento. Nessa concepção, o fazer artístico possibilita ao estudante pesquisar e descobrir inúmeras maneiras de manifestação criativa. Isto é: a investigação da elaboração (apreciação artística) é a comunicação que o estudante precisa para ter um envolvimento com o que ele conhece e entende sobre o conteúdo. Já a história da arte (reflexão) é o modo de entender a época e o padrão produtivo das artes desenvolvidas em determinado período da história (BARBOSA, 2005).

À luz dessas reflexões, o docente precisa levar em consideração a melhor maneira de desenvolver determinado conteúdo e qual metodologia utilizar em sala de aula, uma vez que tais propostas precisam estar em consonância com a metodologia utilizada por ele em sua prática pedagógica na disciplina de Arte, o que pode facilitar o entendimento do aluno a respeito do tema da aula abordado, de modo que ele possa refletir e relacionar as suas ideias com o processo de ensino e aprendizagem ali construídos. No ensino de arte é necessário que os métodos auxiliem o aluno a compreender o sentido das atividades executadas e que essas possuem base teórica relacionadas ao conhecimento prévio dos alunos, seu olhar estético, bem como as suas formas de avaliar criticamente uma determinada obra de arte. Isso é importante, pois pode proporcionar aos estudantes criar uma ligação com outras formas de artes, ampliando o seu campo de conhecimento artístico e estético.

Ao refletir sobre essas questões, entendemos que nas aulas de Arte é importante também haver um diálogo com as aulas práticas, pois os alunos podem usar aquilo que aprenderam nas teorias e colocar em ação, visto que cabe o professor criar uma ligação entre o que foi aprendido com a teoria com prática, para que os alunos consigam desenvolver os seus processos criativos. Para elucidar esse pensamento, Ferraz e Fusari (1999, p. 104) afirmam que:

[...] O professor deve saber unir as problemáticas das práticas escolares na área artística com as reflexões e teorias suas e de outros profissionais sobre a arte e educação de um modo transformador, criativo e comprometido com a democratização cultural artística e estética junto aos estudantes [...].

Dito com outras palavras, o ensino só se completa quando há uma relação efetiva entre a teoria e prática, a qual o professor desenvolve metodologias fortaleçam essa ação em sua prática pedagógica, ao proporcionar aos alunos explorarem a sua percepção estética, mas com base nos seus conhecimentos adquiridos, pois é importante terem confiança naquilo que estão produzindo. Além disso, é interessante, nesse processo, que o conhecimento construído em sala de aula possa não somente envolver saberes culturais de outros povos, mas da sua própria comunidade e cultura também.



A análise aqui proposta nos ajuda a compreender que o ensino da arte leva os estudantes a conhecerem novas experiências artísticas. Nessa direção, a arte tem o papel de tornar o estudante mais ativo no meio que ele vive, na qual ele poderá interpretar melhor a realidade da qual vive (ARAÚJO, 2014). Sendo assim, a arte “estimula a inteligência e contribui para a formação integral do indivíduo, sem ter o foco na formação artística em si, por essa razão pode-se considerar que a arte se coloca como um trabalho educativo importante para a dimensão humana”. (QUADROS, 2011, p. 55). Contudo, não podemos esquecer que a arte surgiu por necessidade de transformar a natureza, o que é imprescindível para a produção de conhecimento artístico, cultural e estético (ARAÚJO, 2014). Seguindo o percurso das análises, indagamos aos professores se Arte é importante na escola. Esses foram os seus depoimentos:

*Sim, muito importante, arte é uma disciplina que estuda a transformação das expressões artísticas, a constituição e a variação das formas, dos estilos, dos conceitos transmitidos através das obras de arte, abrange o estudo e a prática de toda forma de expressão que necessita de uma representação, como o teatro, a música ou a dança. (Educador 09).*

*Sim. Através da arte o aluno conhece a história e a despertar também para algumas atividades artísticas dentro ou fora da escola. (Educador 05).*

*Com certeza. Porque ela dá a oportunidade ao aluno de ter acesso à arte como uma linguagem expressiva e também como uma forma de conhecimento. (Educador 08).*

*Sim, porque na arte os alunos aprendem mais a produzir textos e expressar os seus sentimentos. (Educador 07).*

*Sim, porque estimula o aluno a criar senso de importância na cultura artística e de criação de um povo. (Educador 02).*

*Sim, porque possibilita ao aluno uma compreensão de mundo e cultura permitindo ser um instrumento educacional. (Educador 11).*

*Sim, pois através do ensino de artes é possível despertar habilidades cognitivas através de produções na área de artes, proporcionar novos conhecimentos artísticos. (Educador 15).*

Podemos averiguar que quase a totalidade dos professores concorda que a arte é importante na escola, com a justificativa de que os alunos podem ampliar os seus conhecimentos. Vale ressaltar que a arte na educação é primordial para o desenvolvimento de uma nação, pois por meio dela o sujeito pode ser capaz de desenvolver novas formas de interpretar a realidade, modificando-a e interferindo nela (BARBOSA, 2005). Importa chamar atenção ao fato de que a arte na escola deve ser um espaço rico de aprendizagem, ao proporcionar ao aluno criar e recriar. Essa perspectiva nos permite argumentar que a disciplina de Arte é um campo aberto para inúmeras possibilidades imaginativas do aluno, das quais o professor pode mediar esse processo, desde que ele tenha um planejamento adequado que esteja relacionado ao conteúdo a ser trabalhado com a turma e, conseqüentemente, que atenda as especificidades e saberes de seus discentes.

Com o raciocínio desenvolvido nessas análises, compreendemos que o docente tem a função de mediador dentro do espaço escolar. Seguindo essas reflexões é necessário também observar que o docente que atua nessa disciplina tem que estar consciente na forma como a arte pode ser mais bem trabalhada no dia a dia com os alunos (BITTAR, 2007). A partir dessa afirmação, questionamos aos professores o que é a arte. Assim responderam:

*Entender o mundo e respeitá-lo. (Educador 10).*

*É a maneira de criarmos e nos expressamos naturalmente, algo que está por toda parte. (Educador 08).*

*É a criação ou exploração do belo, do fantástico. (Educador 02).*

*É a maneira do ser humano de expressar seus sentimentos e emoções através do desenho e da pintura. (Educador 06).*

*A arte é a manifestação, uma maneira de expressar nossos sentimentos e emoções, e uma forma comunicativa entre os povos, é uma criação humana com valores estéticos, beleza e harmonia. (Educador 09).*

*É o poder de analisar criticamente a percepção da arte em seus diversos tópicos. (Educador 13).*

*É o conjunto de regras para dizer ou fazer com acerto alguma coisa, habilidade, travessura de criança. (Educador 07).*

*Arte é um meio que usamos para nos expressar, que estimula o nosso senso criativo, arte parte da cultura e realidade de cada pessoa. (Educador 11).*

*É você analisar criticamente o valor artístico das diferentes manifestações artísticas (música, teatro, dança, etc.). (Educador 01).*

*Arte para mim é a partir do momento que um ser humano consegue transmitir seus sentimentos e emoções. (Educador 12).*

*Tudo que envolve o “fazer” do homem referente à sua vivência e o que acredita. (Educador 14).*

*É a possibilidade de produzir algo criativo, também entendo que é algo prazeroso que envolve diversas áreas. (Educador 15).*

Notamos que alguns educadores concebem a arte como uma expressão de sentimentos (Educadores 06, 09 e 12). No entanto, outros (Educadores 01, 11, 13 e 15) compreendem a arte como um meio para aumentar a fomentação crítica e cultural das pessoas, o que, de fato, arte não se refere apenas a essas duas concepções. Contudo, é curioso assinalar a fala do Educador 07, ao afirmar que Arte é “brincadeira ou travessura de criança”, o que revela um conceito equivocado do que seja essa disciplina, isto é, esse professor, em nossa análise, não considera Arte como área de conhecimento.

É preciso esclarecer que a arte é uma área do saber que possui as suas especificidades e metodologias, que possibilita conhecer novas culturas, histórias e, também, essencial para desenvolver a criatividade e a imaginação, importante para ter uma participação mais ativa na sociedade e a produzir conhecimento. Em nosso entendimento, arte é importante para a formação plena do indivíduo, pois, dentre outros benefícios, desenvolve a cognição (BARBOSA, 2005). Por se tratar de desenvolver o pensamento, possibilita que nos desenvolvemos como seres humanos, além de contribuir para a formação artística e estética, tão necessária para o crescimento cultural de um país. Nessa mesma linha de raciocínio, Ferraz e Fusari (1999, p. 16) salientam que,

[...] desde a infância, tanto as crianças como nós, professores interagimos com as manifestações culturais de nossa ambiência e vamos aprendendo a demonstrar nosso prazer e gosto, por imagens, objetos, músicas, falas, movimentos, histórias, jogos e informações com os quais nos comunicamos na vida cotidiana [...].

O fragmento acima é esclarecedor: a arte na escola é uma disciplina significativa na formação do aluno, pois ele pode aprender a organizar o seu conhecimento em outros ambientes não formais, de acordo com o contato que terá com as suas inúmeras manifestações artísticas durante a sua vida. Ao tomar com base esses dados, é possível inferir que, para haver um bom desenvolvimento do aluno em artes na escola, é preciso que o docente se articule para buscar aperfeiçoar o seu conhecimento em artes, ao propor nas aulas que o aluno aprecie-crie-reflita sobre o seu fazer artístico (BARBOSA, 2005).

Para encaminhar as considerações finais deste artigo, destacamos que a Arte vem sendo ensinada nas escolas brasileiras de Educação Básica há quarenta e oito anos (48), desde a Lei n. 5.692/71.

No entanto, vem de um longo processo histórico sendo considerada atividade de lazer, subsidiária, sem relevância para o currículo escolar: basta comparar a sua carga horária total com as demais disciplinas curriculares e notar os dias em que é ofertada (geralmente nos últimos horários, próxima de feriados, a depender do calendário e, na maioria das vezes, com a função de enfeitar a escola em datas comemorativas).

Sem embargo, pelo fato de sermos pesquisadores e professores de artes e da disciplina de Arte sofrer retaliações na legislação nacional, com a aprovação da Reforma do Ensino Médio que exclui a arte do Ensino Médio e a não construção democrática da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), defendemos que essa área merece ser valorizada como área do saber e que esteja inserida obrigatoriamente nos currículos escolares de Educação Básica, em cada uma de suas áreas: Artes Visuais, Teatro, Dança e Música, pois arte é conhecimento e merece ser respeitada como tal na educação. Em pleno século XXI e depois de importantes conquistas<sup>3</sup> acerca da arte na educação brasileira, não é possível que ainda tenhamos que nos deparar com uma situação calamitosa e preocupante dessas, que impossibilita que um ensino de qualidade e necessário para a educação brasileira se desenvolva e ajude na formação intelectual dos brasileiros.

A esse respeito, a arte/educadora Barbosa (2017a, 2017b, 2017c) traz um argumento que amplia a discussão desenvolvida neste artigo: a retirada da disciplina de Arte pela Reforma do Ensino Médio fez retroceder quarenta e sete (47) anos do projeto de educação no país. Retirar essa disciplina é excluir uma das que mais desenvolvem a capacidade crítica e intelectual dos alunos, o que diminui também a formação de habilidades importantes em outras disciplinas, como, constata pesquisas<sup>4</sup> desenvolvidas que confirmaram que o estudo do desenho melhora a qualidade da escrita. Além disso, estudar e analisar imagens artísticas são ações que melhoram o raciocínio sobre imagens científicas e a capacidade de leitura, além da interpretação de textos, entre tantos outros benefícios.

Embora as artes tenham sido incluídas aos “46 do segundo tempo” nessa Reforma, não ficou entendida se será obrigatória e como será trabalhada, isto é, nas palavras da autora, ficou a “Deus dará”, ou seja, as artes não são mais obrigatórias no Ensino Médio, pois não são mais disciplinas. Também não ficou claro quem ensinará artes, pois foi aprovado o notório saber para todas as áreas do ensino, o que possibilita afirmar que Arte perde bastante sua importância e necessidade no currículo, até porque se estiver presente nele, pode ser ensinada por qualquer um que se diga artista, por exemplo, desde que o MEC aprove. Com efeito, essa política é uma forma de manipular com mais facilidade os jovens brasileiros (BARBOSA, 2017a, 2017b, 2017c).

### **Considerações finais**

As análises desenvolvidas neste artigo nos possibilitaram compreender que os professores que lecionam na disciplina de Arte nas escolas pesquisadas não são formados nessa área para trabalhar com os conteúdos de artes (artes visuais, teatro, dança ou música), tampouco formação ou qualificação específica para cada uma dessas linguagens. Além disso, ficou evidente que a maioria dos conteúdos desenvolvidos em sala de aula por esses professores segue as diretrizes da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Tocantins (SEDUC). No entanto, apesar de serem conteúdos programados pela SEDUC, o professor não pode se limitar a isso, uma vez que ele pode trabalhar com uma gama de possibilidades, como, por exemplo, ações educativas realizadas em museus de artes, conhecimento prático de diferentes procedimentos artísticos, entre tantos outros. Nesse ponto, podemos afirmar que é importante que o professor ser formado em artes (artes visuais, dança, teatro ou música).

---

<sup>3</sup>Uma delas é a aprovação da Lei n. 13.278 de maio de 2016.

<sup>4</sup>Estudos realizados por James Catterall (PhD pela *Stanford University* e Diretor do Centro de Pesquisas em Criatividade do *California Institute of the Arts*) (BARBOSA, 2017a; 2017b).

É essencial assinalar que quando o professor organiza o processo metodológico, ele precisa ter experiências artísticas vivenciadas, para que relacione os conteúdos trabalhados em sala de aula com as técnicas artísticas para a elaboração das aulas práticas. A esse respeito, as experiências vividas por eles, bem como a sua formação na área, contribuem significativamente para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do estudante. A arte é importante na formação do indivíduo, pois ela também produz conhecimento. Por ser uma área do saber, proporciona ao estudante refletir sobre o conteúdo e as atividades realizadas em sala de aula que, inclusive, podem acompanhá-las em sua vida. Assim, ao aprimorar o seu olhar crítico, pode desenvolver plenamente o seu processo criativo e, conseqüentemente, avançar na sua aprendizagem.

Conseqüentemente, os dados revelaram que há uma carência de cursos de formação inicial e continuada voltada para as artes (artes visuais, teatro, dança e música) no Estado do Tocantins, que possam atender a demanda de professores formados nessa área para a rede pública de ensino da região pesquisada. Desse modo, a tese de Iavelberg (2014) se confirma nesta pesquisa: além de ter poucos cursos de formação em artes no país, mais da metade dos professores que lecionam Arte na Educação Básica não tem formação nessa área. Nesse sentido, as políticas públicas voltadas para as artes necessitam de mais atenção e investimento do Governo Federal, do MEC e dos governos estaduais e municipais por meio das Secretarias de Educação, ao oferecer mais cursos que qualifiquem e preparem de forma mais adequada esses profissionais. Consideramos, enfim, que não dá mais para entender que qualquer professor, sem formação nessa área, pode ministrar essa disciplina.

Foi observado também, a partir dos relatos dos professores pesquisados que a maioria, além de não ter a formação na área, atua na disciplina de Arte durante pouco tempo em comparação com as suas experiências de docentes na Educação Básica em outras disciplinas curriculares, e utilizam, por sua vez, dessa disciplina para complementação de carga horária nas escolas que trabalham, o que reforça a tese de que Arte, além de não ser valorizada no currículo escolar, qualquer professor de outra área pode ministrá-la. Diante do estudo realizado, esperamos que ele possa contribuir para somar a outras pesquisas sobre a temática, ao fortalecer o debate acerca da necessidade de formação inicial e continuada para docentes em artes na educação brasileira e, especificamente, no Estado do Tocantins, que possui apenas um curso de graduação plena em artes<sup>5</sup>, o que é muito pouco para atender uma demanda por profissionais habilitados nessa área em todo o Estado.

A arte, com efeito, é uma área de conhecimento e importante para a formação plena do educando, bem como para o desenvolvimento de sua percepção estética. Mas, para contribuir significativamente para esse processo, entendemos ser importante os docentes que atuam nessa disciplina serem formados nessa área. Por último, a pesquisa evidenciou que é preciso que as Diretrizes, os regimentos do Estado e da DRE de Tocantins estejam em consonância com os documentos nacionais (PCN, LDB n. 9.394/96, Lei n. 13.278/2016), referentes ao ensino de arte, pois para lecionar nessa área, é preciso ser formado nela e ter mais cursos de formação inicial e continuada em artes visuais, teatro, dança e música no Brasil, para que possam suprir a grande demanda de profissionais dessa área, principalmente na região analisada.

## Referências

ALVARENGA, V. M.; SILVA, M. C. Formação docente em arte: percurso e expectativas a partir da lei n. 13.278/16. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 1009-1030, jul./set. 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-62362018000301009&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362018000301009&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 13 jan. 2019. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623674153>.

---

<sup>5</sup> Curso de Licenciatura em Teatro, ofertado pela Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Palmas.

ARAÚJO, G. C. *O ensino de arte na Educação de Jovens e Adultos: uma experiência em Cuiabá-MT*. 210f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2014. Disponível em: <<http://ri.ufmt.br/handle/1/295>>. Acesso em 01 jul. 2018.

ARSLAN, L. M., IAVELBERG, R. *Ensino de arte*. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

BARBOSA, A. M. O dilema das artes no Ensino Médio no Brasil. *Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes*, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 9-16, 2017a. Disponível em: <<https://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/578/251>>. Acesso em: 09 dez. 2018.

BARBOSA, A. M. Artes no Ensino Médio e transferência de cognição. *Olh@res*, Guarulhos, v. 5, n. 2, p. 77-89, 2017b. Disponível em: <<https://www.sumarios.org/artigo/artes-no-ensino-m%C3%A9dio-e-transfer%C3%Aancia-de-cogni%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em 30 out. 2018.

BARBOSA, A. M. Educação sem arte, educação para a obediência. *Entrevista concedida ao Jornal Extra-Classe*, n. 219, ano 22, novembro de 2017c. Disponível em: <<https://www.extraclasse.org.br/edicoes/2017/11/educacao-sem-arte-educacao-para-a-obediencia/>>. Acesso em 05 jan. 2019.

BARBOSA, A. M. *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.

BITTAR, V. M. S. *Concepções de práticas de professores de artes visuais*. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/Anais/2017/Anais/Artigo/Eixo%201%20Formacao%20e%20Acao%20Docente/DIFICULDADES%20PARA%20O%20ENSINO%20DE%20ARTES%20O%20QUE%20DIZEM%20OS%20PROFESSORES.doc>>. Acesso em 10 set. 2018.

BRASIL. *Lei n. 13.415 de 16 de fevereiro de 2017*. Brasília: MEC, 2017a. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm)>. Acesso em 10 jan. 2019.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular – BNCC: educação é a base*. Brasília: MEC, 2017b.

BRASIL. *Lei n. 13.278 de 2 de maio de 2016*. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm)>. Acesso em 10 jan. 2019.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. 8. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: Arte*. Brasília: MEC, 1997.

COUTINHO, R. G. A formação de professores de arte. In: BARBOSA, A. M. (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 5. ed. São Paulo: Cortez, p. 153-160, 2008.

FERRAZ, M. H. C.; FUSARI, M. F. R. *Metodologia do ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 1999.

FERREIRA, S. M. O.; LANA, I. N. R. Inquietações e razões para o ensino da arte. *Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica do Programa de Pós-Graduação em Educação*, Vitória, v. 15, n. 2, p. 44-51, ago./dez. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/PRODISCENTE/article/view/5729>>. Acesso em 12 dez. 2018.

IAVELBERG, R. A Base Nacional Curricular Comum e a formação dos professores de arte. *Horizontes*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 74-84, jan./abr. 2018. Disponível em:

<<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/576>>. Acesso em 15 dez. 2018.  
Doi: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i1.576>.

IAVELBERG, R. O ensino de arte na educação brasileira. *Revista USP*, São Paulo, n. 100, p. 47-56, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76165>>. Acesso em 30 set. 2018.

JESUS, C. O. *et al.* O ensino de artes visuais nas escolas públicas de alhandra: uma proposta de formação continuada para os professores do ensino fundamental. In: *Anais do Catálogo de Resumos do X Encontro de Extensão Universitária (CD-ROM)*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LIS, E. A. B. *O ensino da arte e formação de docentes: ensinando a ensinar*. 43f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação). Universidade Estadual do Centro Oeste: Programa de Desenvolvimento Educacional, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1585-6.pdf>>. Acesso em 14 ago. 2018.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. (Orgs.). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

QUADROS, I. P. Arte popular: trilheira para a arte/educação/ambiental. In: SATO, M. (Org.). *Eco-arte para reencantamento do mundo*. São Carlos: Rima/FAPEMAT, 2011.

TEIXEIRA, E. *As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TOCANTINS. *Portaria 4.397 de 29 de dezembro de 2017*. Dispões sobre os procedimentos relativos à lotação e remoção do Servidor Público, nas Unidades Escolares da rede Estadual de ensino. Palmas: Secretaria Estadual de Educação - SEDUC, 2017. Disponível em: <http://sintet.org.br/download-click-226-portaria-n-4-397-de-29-2-2017-dispoe-sobre-procedimentos-de-lotacao-e-remocao-nas-ue-039-s-da-rede-e>. Acesso em 22 ago. 2018.

---

\*Doutor em Educação pela UNESP. Mestre em Educação pela UFMT. Graduado em Artes Visuais pela UFU. Professor da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: [gustavocaraujo@yahoo.com.br](mailto:gustavocaraujo@yahoo.com.br).

\*\*Pesquisadora da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: [sborges169@gmail.com](mailto:sborges169@gmail.com).

\*\*\*Pesquisadora da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: [ludimila.silva@uft.edu.br](mailto:ludimila.silva@uft.edu.br)

Recebido em 10/05/2019

Aprovado em 25/05/2019